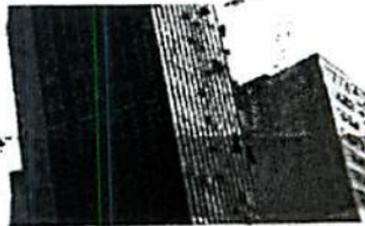


Leitura para todos

Antologia



O Projeto Leitura para Todos
foi o vencedor do
Prêmio Visalitura 2007,
concedido pelas secretarias
de Educação e de Cultura.

N.Cham. B869.1 L533 2008

Título: Leitura para todos : antologia .

LETRAS

B869.1
L533
2008



346091005
493549

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE LETRAS



Diretor: Jacyntho Lins Brandão

Vice-diretor: Wander Emediato de Souza



PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A TELA E O TEXTO

Coordenação: Anderson Fabian Ferreira Higino, Jairo Rodrigues,
Maria Antonieta Pereira e Rubens Rangel Silva

LINHA EDITORIAL TELA E TEXTO

Coordenação: Maria José de Castro Alves

Subcoordenação: Gerlane Roberto de Oliveira

REVISÃO

Jairo Rodrigues e Maria José de Castro Alves

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rubens Rangel Silva

B869.1
L533
2008

Leitura para todos

Antologia

Maria José de Castro Alves
Coordenação da Linha Editorial
Tela e Texto

Maria Antonieta Pereira
Rubens Rangel Silva
Coordenação Geral

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346091005

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA



a tela
e o texto

493549

PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
A TELA E O TEXTO
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
Telefone (31) 3409-6054
telatexto@ufmg.br
www.letras.ufmg.br/atelaetexto
Registro SIEX no. 10.416
Registro na Biblioteca Nacional n°. 7758
Registro no INPI 20040B900086

Faculdade de Letras

Biblioteca Universitária

17 / 08 / 2020

3460910-05

Belo Horizonte

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALÉ/UFMG

L533

Leitura para todos : antologia / Maria José do Castro Alves,
coordenação da Linha Editorial Tela e Texto ; Maria Antonieta
Porcira, Rubens Rangel Silva, coordenação geral. - Belo
Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, Linha Ed. Tela e
Texto, 2008.
80 p.

Vários autores.

ISBN: 978-85-7758-053-8

1. Poesia - Colômbia. 2. Prosa - Colômbia. I. Alves, Maria
José do Castro. II. Porcira, Maria Antonieta. III. Silva, Rubens Rangel.

CDD : B889.1

Caro(a) leitor(a),

O projeto *Leitura para todos* é uma parceria entre o Programa *A tela e o texto*, da Faculdade de Letras da UFMG, e a BHTRANS (Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte). O principal objetivo é contribuir para a elevação dos níveis de leitura da população em geral.

Tendo em vista que no transporte coletivo circulam diariamente milhares de pessoas, o projeto *Leitura para todos* divulga textos da Literatura Brasileira em ônibus de Belo Horizonte. Os textos são plastificados em lâminas tamanho A4, em frente e verso, e dependurados por alças na parte traseira dos bancos.

Atualmente, o Programa *A tela e o texto* e a BHTRANS ampliaram o projeto *Leitura para todos*. Duzentos e setenta veículos de 26 linhas municipais passaram a contar com textos da literatura brasileira.

Nesta perspectiva a BHTRANS e o Programa *A tela e o texto* selecionaram textos que veicularam em todas as fases para esta

produção: **LEITURA PARA TODOS**
Antologia. O que se lê nos ônibus agora o leitor poderá ler em casa, no trabalho, no próprio ônibus...

Os textos vão desde autores consagrados contemporâneos e de domínio público a iniciantes. Além dessas parcerias, para que o projeto aconteça, é fundamental ressaltar o apoio de alunos da FALE/UFMG, donos de empresas de transporte coletivo, funcionários destas empresas (agentes de bordo, motoristas) e funcionários da BHTRANS.

Essa parceira visa expandir o projeto a todas as linhas de ônibus da capital mineira, despertando atenção e interesse pela leitura em pessoas de diferentes faixas etárias, visando ao desenvolvimento de novos hábitos de leitura por parte da população. O Programa *A tela e o texto* e a BHTRANS buscam parceiros dispostos a apoiar a expansão do projeto.

Em outubro de 2007, o projeto teve seus objetivos confirmados ao ganhar o VIVALEITURA, o mais importante prêmio de incentivo à leitura no país (oferecido por MEC, MINC, OEI e Fundação Santillana). Com a atual expansão, o acesso gratuito à Literatura

Brasileira tradicional e contemporânea já está à disposição de cerca de 130 mil passageiros dos ônibus de BH. A proposta de leitura nos ônibus foi também implantada em Diamantina, durante o 37º Festival de Inverno da UFMG, em São João Del Rei e em Recife.

Maiores informações sobre o projeto em www.lettras.ufmg.br/atelaetexto.

Desejamos a você uma boa leitura!

Belo Horizonte, maio de 2008.

BHTRANS
(Empresa de Transportes
e Trânsito de Belo Horizonte)

Programa *A tela e o texto* da
Faculdade de Letras da UFMG

SUMÁRIO

Leitura
para
todos

Sentença Flávio Mota	12
Lentes Silviano Santiago	13
O Abismo e o Abismo Marcelo Dolabela	14
Amor José Américo Miranda	15
(Sem título) Giani Figueiredo	16
Soneto Francisco Otaviano	17
Maletta Revisited # 86 Marcelo Dolabela	18
A indômita marionete Evaldo Balbino	19
Balço da década Marcelo Dolabela	20
Cotidiano Evaldo Balbino	21

SUMÁRIO

Leitura
para
todos

As rédeas do tempo	22
Evaldo Balbino	
O meu tempo	23
Arnaldo Antunes	
Solidão	24
Yas	
Nó cego	25
Maysa Gomes	
Roteiro	26
Vinicius Fernandes Cardoso	
Fluxos (Flashes)	28
Nina Rosa Magnani	
Negror	29
<i>Nina Rosa Magnani</i>	
(Sem título)	31
Flávio Mota	
Definição do amor	32
Neuza Parreira	
O que adquiri do que joguei fora	35
Ismael Silveira	

SUMÁRIO

Leitura
para
todos

Ponte	36
Eva Pereira	
Onde está a palavra?	38
Ronald Claver	
(Sem título)	41
João do Rio	
À Minha Noiva	44
Arthur Azevedo	
O Mar	46
Evaldo Balbino	
O lamento das coisas	48
Augusto dos Anjos	
Psicologia de um vencido	49
Augusto dos Anjos	
Formalidades	50
Julia Lopes de Almeida	
A pomba e a estrumeira (texto adaptado)	55
Raul Pompéia	
Arte culinária	57
Júlia Lopes de Almeida	

SUMÁRIO

Leitura
para
todos

O Cemitério Lima Barreto	63
O perigo das profecias Humberto de Campos	68
O papagaio traído Humberto de Campos	70
Lenda do guaraná (Lenda da região Norte do Brasil)	72
O assinalado Cruz e Sousa	74
O lamento das coisas Augusto dos Anjos	75
Ismália Alphonsus de Guimaraens	76
Suíte bar Sérgio Fantini	77



Praça 7, Centro — Belo Horizonte



Literatura Brasileira dentro dos ônibus.



Entrega do Prêmio VIVALEITURA — maior prêmio de incentivo à leitura do Brasil — ao projeto Leitura para todos.



Autor: Flávio Mota

Leitura
para
todos

Sentença

A vida
me condena
– Serás pássaro
somente em bico de pena!

Lentes

Meus olhos buscam
o binóculo
e não o encontram.

Meus olhos buscam
as coisas
e as vêem turvas.

Meus olhos querem
diminuir a névoa
entre mim e o mundo.

Meus olhos pensam
as lentes

antes do oculista.

O Abismo e o Abismo

tire o seu abismo do
abismo que eu quero passar com o meu
abismo hoje pra você eu sou
abismo

abismo não machuca
abismo eu só errei quando juntei meu
abismo ao seu
abismo não pode viver perto de
abismo

é no
abismo que eu vejo o meu
abismo o meu

abismo e os meus
abismos rasos d'
abismo eu no seu
abismo já fui um
abismo hoje sou

abismo em seu

abismo

Autor: José Américo Miranda

Leitura
para
todos

Amor

não há lugar pra você no meu coração
não há lugar pra você no meu chão
não há lugar pra você
não há, inda não, lugar pra você

há lugar pra você
só há lugar pra você
só há você
há você
só você

Autor: Giani Figueiredo

(Sem título)

Fu fico olhando as pessoas.
Como se comportam.
Elas parecem bem.
Assim de fora, não percebo que
possa haver alguma dor. Vejo harmonias.
Gosto de olhar as pessoas.
Parecem tranqüilas.
Parecem não terem grandes
coisas para darem conta,
ou melhor, estarem dando conta de tudo.

Estou na estrada, a caminho!
E me dá mesmo vontade de descer
do ônibus e
seguir andando, sem nenhuma
pressa e sem nenhum destino...
Só vivendo o caminho.

Queria seguir pela linha do trem.
Não deste lado,
que a trilha logo acaba.
Mas do lado de lá,
que andando, acabo no mar...

Soneto

Morrer, dormir, não mais, termina a vida,
E com ela terminam nossas dores;
Um punhado de terra, algumas flores...
E depois uma lágrima fingida.

Sim, minha morte não será sentida:
Não tive amigos e nem deixo amores;
E se os tive, tornaram-se traidores,
Algozes vis de um'alma consumida.

Tudo é podre no mundo! Que me importa
Que amanhã se esboroe ou que desabe,
Se a natureza para mim 'stá morta?!

É tempo já que meu exílio acabe...
Vem, vem, ó morte! ao nada me transporta:
Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe!

Maletta Revisited # 86

eu estou: nas maravilhas do mundo
no Coliseu da cidade
no naufrágio dos poetas
ouvindo scherherazade

é o zum-zum da matilha do mundo
da Muralha da China, o barulho,
a baunilha dos vagabundos

única geração que ouve
a triste balada dos mouros
o transplante das décadas
a arcádia sem fé e sem ouro.

A indômita marionete

Agora eu estou sem hora,
despido do que enfim
em mim só era passante.

Agora sou esta mesa,
sou este banco, esta sala,
que têm a vida constante.

Sou na parede o retrato,
com moldura de aço,
guardado de traça e tempo.

Agora eu estou sem fim,
e brinco no fim da tarde
com a morte que não virá.

Mas morre a tarde em seu fim,
e aos passos eu me desfaço...
Aos poucos já não sou eu,
aos poucos estou sem mim.

Balanço da década

uma década tem mais de cem séculos
dez bilhões de vozes num único eco
mil e uma noites num mero segundo
poucos trilhões de silêncio num ponto

quanto se conta os átomos é ótimo
a hora fica interminável num átimo
não se chega nunca a nenhum lugar
e apenas se volta ao mesmo volume

um só dia tem bem mais de dez décadas
num rústico eco a maior biblioteca
da luz do segundo nenhum consenso
até quanto nos faltará silêncio

Cotidiano

O amor a tudo aceita:
aquela estranha mania
que antes não se via;
o cabelo mal penteado,
que a este não é dado
manter-se inviolado
à noite.

São tudo frutos na colheita:
o amor é compassivo
perante as botas espalhadas
ou a roupa fora do lugar,
perante a face suja
que não houve tempo de lavar...

E o amor continua aceito
nesses dois corpos no leito,
sobre o colchão de palha
cúmplice, sob a lua de prata
tácita.

Autor: Evaldo Balbino

As rédeas do tempo

As rédeas do tempo estão nas mãos de Deus,
este verbo sempre ecoado,
este fogo caído no deserto,
civado de amor e fúria
durante quarenta anos.

Não, não se reduz a este tempo
um amor tão retorcido.

E são nestas horas imensuráveis
que ele nos leva, leves no vento,
paisagem retorcida construída
que se desfaz.

As mãos de Deus nos deformam,
pois precisamos alcançar
sua eterna vida inatingível.

É leve ou pesada a mão que se estende dos
céus?

A pele já nos pesa sobre a face
feita à imagem e semelhança de Deus.

Autor: Arnaldo Antunes

Leitura
para
todos

O meu tempo

O meu tempo não é o seu tempo.

O meu tempo é só meu.

O seu tempo é seu e de qualquer pessoa,
até eu.

O seu tempo é o tempo que voa.

O meu tempo só vai onde eu vou.

O seu tempo está fora, regendo.

O meu dentro, sem lua e sem sol.

O seu tempo comanda os eventos.

O seu tempo é o tempo, o meu sou.

O seu tempo é só um para todos,

O meu tempo é mais um entre muitos.

O seu tempo se mede em minutos,

O meu muda e se perde entre os outros.

O meu tempo faz parte de mim,
não do que eu sigo.

O meu tempo acabará comigo
no meu fim.

Solidão

Aspirar poeticamente a sua pureza, com as
Luzes acesas, sua foto sobre a mesa,
Não posso mais amar.
O pensamento de um erro não cometido
poderia me denunciar.
Lembranças de uma vida, de um sonho,
De uma realidade já extinta,
Sinta de onde estiver o que sinto e
Pressinto que vai chorar.
O som gradiente que repete o que sinto,
Músicas que falam de como vivo,
Vivo? É só me olhar.

Autor: Maysa Gomes

Leitura
para
todos

Nó cego

Você existe em mim
como um ponto
sem nó.

Oscilante entre os dias,
solto,
só.

Sejamos sempre
dois pontos:
sem nós.

Roteiro

Como fio d'água o tempo nos dedos,
da memória o afeto e o momento,
a falta faz a lágrima e a
rota monótona mata
por inteiro.

Pela manhã o mesmo espelho,
se almeja novo embora o mesmo,
da cama do quarto à casa,
desta rua e à máscara:
ao mesmo.

Monótono vazio e a tarde
alheia ao sujeito irradia
e a máquina do mundo
opera perfeita:
prédio.

Sem sal deita no leito
e o escuro no ser,
o sono e o sonho,
escuramente
silêncio.

(continuação)

Podia haver quimera,
surpresa, telefonema,
antes há o mesmo
afeto que falta:
roteiro.

Autor: Nina Rosa Magnani

Fluxos (Flashes)

E eu quero mais
É estar

sintonizada
com os lírios
que ainda restam
nas praças empoeiradas
entre ônibus
fumaça
corações aflitos.

O amor por um fio.
Um pensamento esticado
no espaço.

O compromisso enorme
de um momento
de amor real,

fagulha
a queimar madrugadas
estilete afiado
no meu sorriso
incompleto
na minha mágoa contida.

Autor: Nina Rosa Magnani

Leitura
para
todos

Negror

Do que é
trágico
ao
pândego
do
cáustico
ao
sôfrego

do burumdum
aum
ban
da.

Riso e
lágrima
blues
e
ginga.

(continuação)

Universo
do
intempestivo
Mistura
Do bem e do mal
na
mesma
caçamba.

Autor: Flávio Mota

Leitura
para
todos

(Sem título)

gado no osso
nenhum capim
no fundo do poço
o meu coração é um pasto
vasto
e seco

sinto-me como se estivesse num beco
sem saída

a vida é uma boiada
desembestada
contra mim

Definição do amor

O amor não está só no beijo,
Na volúpia fugaz do desejo,
Na expressão de um abraço e calor.
O amor é pureza, é ventura,
Um mistério de doce ternura
Como a brisa embalando uma flor.

Se o amor estiver no altar
Quando suas mãos se enlaçarem
Unidas no mesmo caminho,
Vencerão os labores da vida.
Um será para o outro guarida
Sem temer da jornada os espinhos.

Amar é juntos olhar deslumbrados
A beleza do verde dos prados,
Ouvir juntos o vento falar,
É juntos tremer de emoção,
Fortemente apertar suas mãos
Ante as ondas bravias do mar.

(continuação)

Leitura
para
todos

Amar é viver a todo momento
Unidos num só pensamento,
Ter a mesma expressão no olhar.
Na tristeza, fadiga ou na dor.
Serem os dois um só em amor
Uma só cruz em seus ombros levar.

Amar é quando a luz de teus olhos perder
Meus olhos tua luz há de ser.
Na longa estrada da vida
Meus braços serão os teus braços
Quando inerte tombar de cansaço
Pelas lutas e labores desta lida.

Quando a luz do sol fenecer,
A sombra da noite descer
Uma oração levará ao céu.
Suas lágrimas caindo no chão
Numa só fé, numa só devoção
Agradecendo as bênçãos de Deus.

Quando os olhos para sempre cerrarem,
A vós o silêncio guardar,

(continuação)

E o pó ao pó retornar,
Ficará somente a lembrança
Dessa linda e eterna aliança
Que o amor consigo guardou.

O que adquiri do que
joguei fora

Joguei fora o revólver e
adquiri tranquilidade.

Joguei fora as drogas e
adquiri boa saúde.

Joguei fora a oportunidade de ser bandido e
adquiri mais liberdade.

Joguei fora o pensamento ruim e
adquiri pensamento positivo.

Jogo fora a violência e
adquiro a PAZ.

(O autor, Ismael Silveira, é aluno da 5ª série da E.M.
Professora Eleonora Pierucetti.)

Autor: Eva Pereira

Ponte

Do lado de cá do rio
Tem montanhas, tem o trem.
Do lado de lá do rio
Tem os olhos do meu bem.

Do lado de cá da rua
Tem praça com muita flor
Do lado de lá da rua
É onde mora o meu amor.

Às vezes eu vou pra lá
Às vezes ele vem pra cá
Mas no meio do caminho
Nós não podemos ficar.

Então meu bem decidi
Morar no lado de cá
E enquanto ele não chega
Eu sonho o lado de lá

Cheio de flor, de montanha,
De trem, de rua e de rio
E espero meu bem chegar
Nas asas dos meus suspiros.

(continuação)

E brinco de inventar
Cantigas pra ele cantar
E invento de brincar
Jogos de amor, não de azar.

E sonho com os olhos dele,
Com o corpo dele, com a pele,
Com a mão dele na minha...
E antes que ele atravessasse

A ponte para me ver,
A gente brinca um pouquinho
(Mas só um pouquinho mesmo)
De não mais se conhecer.

Autor: Ronald Claver

Leitura
para
todos

Onde está a palavra?

Na grafia errante dos que erram pelo planeta.
Ou na garganta calada, sufocada, da moça ao
lado que perdeu o namorado?

Está no Muro das Lamentações,
nas canções dos bordéis ou nos cordéis de
nordestinas babéis?

Quem sabe nos papiros de alguma cartilha
que corre nas trilhas do sertão pregando a
doutrina do sim e do não?

Onde está a palavra que passeia nas esquinas
exibindo portentosas coxas e seios. No sexo
dos desavisados ou na

luxúria dos tarados? Onde está a palavra que
desafia a máfia de mensuradas mentiras e
outras iras? Será que está na
eficácia do campo minado da falácia?

Ou na flor de acácia?

Onde está a palavra que adormece no veludo
de noturnas tramas e enredos?

Na poesia do dia a dia ou nos romances de
cavalaria?

Onde está a palavra que pousa no texto
iniciante sem nenhuma pose ou pompa?

(continuação)

Leitura
para
todos

Será que nos lençóis amantes de noites
insones ou nos cânones dos falantes?
Onde está a palavra que grita de dor quando
sufocada e de fúria quando escamoteada?
Será que está no norte do olho do molho
inglês
ou na sardinha do boteco do português?
Onde está a palavra que brinca de esconde-
esconde no porão,
que namora no portão e faz sexo de montão?
E a palavra que brilha como estrela, ilumina
como lua e
adormece como musa? E a arte da palavra
arte e a paz da
palavra paz? Onde estão?
E a palavra ternura que ficou rubra
de tanta amargura?
Será que espera amanhecer no canto do
galo liberto e pura?
Na verdade, na verdade, a palavra está mais
ali do que aqui,
mais lá do que cá, acolá, alhures.

(continuação)

Leitura
para
todos

E A POESIA?

A poesia está na plumagem dos mares,
no vôo das cachoeiras
na pele das tempestades
no barulho do silêncio,
na veloz acrobacia dos peixes
no verde sol e no ver do olho que tudo vê e
não vê.

A poesia?
É só abrir os olhos e ver
Tem tudo a ver com tudo
E com você.

Autor: João do Rio

(Sem título)

Oh! abre ala!
Que eu quero passa
Estrela d'Alva
Do Carnavá!

Era em plena rua do Ouvidor. Não se podia andar. A multidão apertava-se, sufocada. Havia sujeitos congestionados, forçando a passagem com os cotovelos, mulheres afogueadas, crianças a gritar, tipos que berravam pilhérias. A pleora da alegria punha desvarios em todas as faces. Era provável que do largo de São Francisco à rua Direita dançassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem duzentos tambores, zabumbassem cem bombos, gritassem cinqüenta mil pessoas. A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho. A atmosfera pesava como chumbo. No alto, arcos de gás besuntavam de uma luz de açafão as fachadas dos prédios. Nos estabelecimentos comerciais, nas redações dos jornais, as lâmpadas elétricas despejavam sobre a multidão uma luz ácida e

(continuação)

Leitura
para
todos

galvânica, que enlivedescia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o panejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante dos confetti, que, como um irisamento do ar, caíam, voavam, rodopiavam. Essa iluminação violenta era ainda aquecida pelos braços de luz auer, pelas vermelhidões de incêndio e as súbitas explosões azuis e verdes dos fogos de Bengala; era como que arrepiada pela corrida diabólica e incessante dos archotes e das pequenas lâmpadas portáteis. Serpentinhas riscavam o ar; homens passavam empapados d'água, cheios de confetti; mulheres de chapéu de papel curvavam as nuças à etila dos lança-perfumes, frases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, risos, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, misto de perfume barato, fartum, poeira, álcool, aquecia ainda mais o baixo instinto de promiscuidade. A rua personalizava-se, tornava-se uma e parecia, toda ela policromada de serpentinas e confetti, arlequinar o pincho da loucura e do deboche. Nós íamos indo, eu e o meu amigo, nesse pandemônio. Atrás de nós, sem colarinho, de

(continuação)

pijama, bufando, um grupo de rapazes acadêmicos, futuros diplomatas e futuras glórias nacionais, berrava furioso a cantiga do dia, essas cantigas que só aparecem no Carnaval:

Há duas coisa
Que me faz chora
É nó nas tripa
E bataião navá!

À Minha Noiva

“Tu és flor; as tuas pétalas
orvalho lúbrico molha;
eu sou flor que se desfolha
no verde chão do jardim.”

Têm por moda agora os líricos
versos fazer neste estilo...

Tu és isso, eu sou aquilo,
tu és assado, eu assim...

Às negaças deste gênero,
Carlotinha, não resisto:

vou dizer que tu és isto,
que aquilo sou vou dizer;
tu és um pé de camélia,
eu sou triste pé de alface,
tu és a aurora que nasce,
eu sou fogueira a morrer.

Tu és a vaga pacífica,
eu sou a onda encrespada,
tu és tudo, eu não sou nada,
nem por descuido doutor;
tu és de Deus uma lágrima,
eu sou de suor um pingo,
eu sou no amor o gardingo,

(continuação)

Leitura
para
todos

tu Hermengarda no amor.
Os fatos restabeleçam-se,
ó dona dos pés pequenos:
eu sou homem nada menos,
tu és mulher nada mais;
eu sou funcionário público,
tu minha esposa bem cedo,
eu sou Artur Azevedo,
tu és Carlota Morais.

O Mar

Na carícia do vento,
no toque da areia fina,

a fita azulada das águas
se banha;

e, no seu modo líquido de existir,
vêm-se vírgulas sonoras,

que são jangadas perdidas
na ânsia das ondas.

Pelo mar nos vêm as notícias
de um mundo ultramarino,
de um mundo fora de nós;

mas o que haverá no fundo
destas águas irrequietas,
nesta bacia feroz?

Onde se escondem os peixes,
cidades e almas penadas,
silêncios, gigantes, sereias,

(continuação)

Leitura para todos

que ficaram na infância,
que se perderam em nós?

Como, nas águas profundas,
achar pérolas fabulosas
e o grito de alguma voz?

E o mar não nos responde,
calado, ensimesmado,

a esmo, batendo nas rochas,
querendo vê-las por dentro.

E estas não dizem nada,
ficam à espera, paradas,

desse amor tão rude e sedento
do ímpeto das águas do mar.

E as ondas, nesse vai e vem,
rejeitam os nossos corpos,
amam pedras e mais ninguém;
desejar a praia inteira,
mas parecem, na dança veloz,
a areia e o que nela está.

O lamento das coisas

Triste, a escutar, pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe
oriundos
O choro da Energia abandonada!

E a dor da Força desaproveitada
- O cantochão dos dínamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que se não realiza.
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo!

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos pra roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Autor: Julia Lopes de Almeida

Formalidades

As formalidades mundanas transformam-se com a moda, pouco mais ou menos como os vestidos.

Uma pessoa rigorista não pode estar tranqüila.

A maneira de calçar a luva, tirar o chapéu, dobrar uma carta, fazer um convite, receber uma visita, comer a uma mesa, ir a um enterro ou a uma festa, andar, sorrir etc., varia como as estações!

Nestes cuidados, aparentemente fúteis, existe um trabalho complicadíssimo, porque enfim, mudar de hábitos de ano em ano sempre é mais difícil do que mudar de gravata todos os dias.

Que dolorosas raivinhas sentirá uma criatura, mesmo bondosa e plácida, mas com apuros de exterioridade, ao verificar que pôs um selo num sobrescrito no lugar designado pela moda antiga ou que dobrou a ponta do bilhete de visita à moda antiga, ou que distraidamente apertou a mão de alguém na rua à moda antiga!

(continuação)

É para enlouquecer... Não digo que se não acatem com afã certas modificações; apraz-me comer os espargos à moderna, com garfo e faca, o que desobriga de sujar os dedos e fazer uma ginástica de cabeça por vezes embaraçosa; mas aceitar todas as reformas de etiquetas e costumes parece-me excesso de fantasia, que pode acarretar prejuízos...

Estas minúcias delicadas são as meias tintas, que fazem realçar a educação do indivíduo; para que elas sejam naturais devem ser cultivadas desde a infância, nesse uso que as faz parecer uma segunda natureza.

O doce preceito antigo, de que o que se aprende no berço dura até à morte, fica abalado com esse contínuo fazer e desmanchar de regras com que as civilizações se entretêm. O que era lindo e correto há alguns anos passou a ser caricato à vista da moda tirânica dos dias que vão passando.

Têm razão os velhos em sorrir, com benigno escárnio, das alucinações desta mocidade trêfega.

(continuação)

Leitura
para
todos

No seu tempo os costumes eram de uma cortesia mais repinçada, mas muito mais igual.

A arte de bem viver na sociedade aprendia-se de uma vez só e ficava para o uso da vida inteira. Aqueles hábitos amaneirados impregnavam-se nas pessoas como um perfume na pele e passavam por isso a ser - essência própria.

Hoje os hábitos são movediços como as turbas. Tão depressa é de praxe que seja o homem o primeiro a cumprimentar uma senhora, como o é uma senhora cumprimentar primeiramente um homem; ora estabelecem que devem ser as damas idosas que ofereçam a face para o beijo das novas, ora que sejam as novas que entreguem a face para o beijo das velhas etc.

Para quem não estiver bem firme na maneira por que se deve conduzir, estes renovamentos só podem criar indecisões e aflição.

Este embaraço não é só nosso.

Na velha sociedade da França, civilizada e primorosa, ainda é preciso que de vez em quando surja um livro ensinando regras, o que é indispensável, visto as transformações, ou se espalhem artigos em revistas e jornais, cheios de preceitos de civilidade.

É sempre com uma solenidade dogmática que esses autores ensinam a comer ameixas em calda, disfarçando a queda dos caroços no prato: a chupar uvas sem engolir as grainhas; a pedir a mão de uma moça; a por o pé no estribo, a descer do carro, a pegar na aba do chapéu para um cumprimento e até a apertar a mão dos amigos!

Este ato tão simples de polidez e de simpatia é motivo grave de preocupações. O gesto expressivo de se estender a mão aos outros, com naturalidade, pode, na opinião dos formalistas, ser tão ridículo como uma cartola velha num sujeito elegante, ou uns óculos de tartaruga num rostinho de quinze anos... Assim, ora decretam que se levante o cotovelo até à altura da orelha, que o pulso penda com

(continuação)

moleza e que seja nessa atitude de animal de feira, que as mãos amigas se encontrem, num simples roçar de dedos, ora que seja o aperto de mão à altura do queixo, acoimando de brutal o shake-hands, com que as mãos fortes esmagam as mãozinhas moles e débeis.

Usos, costumes e convenções surgem todos os dias no código mundano, como cogumelos na terra úmida. É prudente não aceitar todos sem exame. Há cogumelos que matam, há convenções risíveis.

O ridículo destas equivale ao veneno daqueles...

Autor: Raul Pompéia

Leitura
para
todos

A pomba e a estrumeira

(texto adaptado)

“Eu quero um noivo rico... Que não seja formoso!... Formosa já sou eu... Quero um noivo de ouro, de ouro como o bezerro. Adoro tudo que é de ouro: as jóias, as moedas e o bezerro do mosaico.

Quando durmo, sobre o meu corpo os sonhos entornam douradas cascatas... As auroras são belas para mim, porque têm diademas de ouro. Ama-se geralmente a montanha pela verdura vasta e frondosa, que a reveste; eu amo a montanha, porque sinto lá dentro da crosta granítica, o espesso filão dourado.

Há quem adore o ciciar do córrego, encachoeirando-se pelas pedrinhas afora; eu acho apenas adorável o ribeiro, quando rola palhetas de ouro nas areias do leito... Com o ouro faz-se o domínio e funde-se o trono. Os imperadores romanos faziam esculpir em ouro as próprias figuras... Os raios do sol são de ouro.

(continuação)

Leitura
para
todos

Enfim, eu serei conquistada pelo ouro... A formosura tem a glória de valer o grande metal e de poder trocar-se por ele. A mulher que se deixa conquistar pelo ouro passa a ser conquistadora; a fraqueza da formosura transfunde-se na onipotência do metal...

De que serviria a nós outras, mulheres, a beleza, se a beleza não fosse ouro no mercado da vida e se o ouro não exigisse o formoso róseo da nossa carne para mais fino realce?!...

Os homens dominam pela matéria, que é o ouro, nós dominamos pelo ideal, que é a sedução.

A aliança dos dois domínios faz o domínio supremo... Esta é a verdade.

Por isso, eu quero um noivo rico. Um noivo de ouro; de ouro maciço como o bezerro do velho testamento... Pertença a quem mais der!... O calão vulgar da canalha chama a isso de "vender-se"... Eu me vendo!"

Autor: Júlia Lopes de Almeida

Arte culinária

Para saber comer, é preciso não ter fome. Quem tem fome não saboreia, engole. Ora, desde que o enfarruscador ofício de temperar panelas se enfeitou com o nome de arte culinária, temos uma certa obrigação de cortesia para com ele. E concordemos que é uma arte pródiga e fértil.

Cada dia surge um pratinho novo com mil composições extravagantes, que espantam as menagères pobres e deleitam os cozinheiros da raça!

Dão-se nomes literários, designações delicadas, procuradas com esforço, para condizer com a raridade do manjar. Os temperos banais, das velhas cozinhas burguesas, vão-se perdendo na sombra dos tempos.

Falar em alhos, salsa, vinagre, cebola verde, hortelã ou coentro arrepia a cabeluda epiderme dos mestres dos fogões atuais. Agora em todas as despensas devem brilhar

(continuação)

rótulos estrangeiros de conservas assassinas, e alcaparras, trutas, manteiga dinamarquesa (o toucinho passou a ser ignominioso), vinho Madeira para adubo do filet, enfim tudo o que houver de mais apurado, cheiroso e... caro!

As exigências crescem, ameaçam-nos e, sem paradoxo, somos comidos pelo que comemos.

Isto vem a propósito de uma exposição de arte culinária que se fez, há pouco tempo, em Paris. Imaginem como aquilo deve ser encantador e apetitoso!

Quem já viu as vitrines das charcuteries, das crémeries, das confeitarias, etc., e que sabe com quanto mimo e elegância são expostos os queijos, os paios e os pastéis, entre bouquets de lilases e fofos caixões de papéis de seda bem combinados, crespos e leves como plumas, imagina que de novidades graciosas se juntarão no Palácio da Indústria.

Naturalmente, cada expositor é um arquiteto e um artista na combinação das cores. Fazem-se

(continuação)

Leitura para todos

castelos de biscoitos, torres engenhosas de chocolate, de creme, de morangos, onde tremulem, em cristalizações de várias cores, as gelatinas de frutas ou de aves, refletindo luzes entre lacinhos de fita e flores frescas, porque o francês tem a preocupação gentilíssima de deleitar sempre os olhos alheios.

Abençoada mania!

O que eu invejo não são as trutas, nem os champignons, nem o seu foie-gras, porque tudo isso temos nós aqui e mais muitas coisas que eles lá desconhecem. O que eu invejo é aquela facilidade, aquela graça das exposições que se sucedem e se multiplicam e que não podem deixar de ser úteis, porque abrem a curiosidade e ensinam muito.

A cozinha francesa tem-se intrometido em toda a parte.

A Inglaterra opõe-lhe forte resistência com as suas batatas cozidas e presunto cru; mas a nossa, por exemplo, está muito modificada por

(continuação)

ela. Entretanto, temos pratos característicos, só nossos, e que eu teimo em achar gostosos. Infelizmente falta-lhes o chic, o lado onde se possa atar a tal fitinha ou colocar o bouquet de violetas do inverno ou do muquet da primavera. O feijão preto com o respectivo e lutuoso acompanhamento não se presta por certo para a coquetterie de um adorno mimoso, mas nem por isso deixa de ser da primeira linha. Depois temos os pratos baianos, o afamado vatapá e outros, quentes e lúbricos, e o churrasco do Rio Grande, e o cuscuz de S. Paulo, e tantos que eu ignoro e que descobrem, demonstram, por assim dizer, as tendências, o temperamento do povo.

Um país como o Brasil tão vasto e variado não teria proporções mais curiosas para realizar uma exposição neste gênero?

Só de frutas, que, tratando-se da mesa, tem todo o lugar, e de doces... imaginem: faríamos um figurão! Geralmente caluniam-se as frutas brasileiras e parece-me tempo de lhes irmos dando a merecida importância. Não há

(continuação)

nenhum brasileiro que conheça todas as frutas do seu país. O europeu desdenha-nos nesse sentido; esquece-se de que em muitos lugares do Paraná, Minas e Rio Grande, desenvolvem-se pêras magníficas, damascos, cerejas, nozes, etc.

E as frutas e as hortaliças indígenas? Inumeráveis! O que falta à nossa gourmandise é poder agrupá-las, poder escolher, na mesma terra, estas ou aquelas, e isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importância à mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de comércio, educar o povo, e dar-lhe um elemento novo de prazer e de saúde.

A exposição parisiense tem ainda um fito, e é a sua principal recomendação e a mais elevada, - é o de ensinar, por meio do exemplo, a cozinhar bem. Um dos seus cantos é ocupado por M. Charles Driessens, que segundo leio, luta há dez anos com desesperada energia para fazer entrar o ensino da cozinha no programa do Estado.

(continuação)

Este tal M. Driessens tem várias escolas de cozinha, e ali trabalham umas cinquenta discípulas, mostrando a toda a gente como se deve fazer um creme, estender uma massa, temperar uma salada, grelhar um bife ou enfeitar uns pezinhos de carneiro com papelotes e rosetas.

As senhoras não nasceram para falar em camarões, carne ou palmito, em público; mas, senhores românticos, lembrai-vos de que nem sempre nos bastam o brilho das estrelas nem o murmúrio das ondas para conversar com as amigas!

Autor: Lima Barreto

O Cemitério

Pelas ruas de túmulos, fomos calados. Eu olhava vagamente aquela multidão de sepulturas, que trepavam, tocavam-se, lutavam por espaço, na estreiteza da vaga e nas encostas das colinas aos lados.

Algumas pareciam se olhar com afeto, roçando-se amigavelmente; em outras, transparecia a repugnância de estarem juntas.

Havia solicitações incompreensíveis e também repulsões e antipatias; havia túmulos arrogantes, imponentes, vaidosos e pobres e humildes; e, em todos, resumava o esforço extraordinário para escapar ao nivelamento da morte, ao apagamento que ela traz às condições e às fortunas.

Amontoavam-se esculturas de mármore, vasos, cruzes e inscrições; iam além; erguiam pirâmides de pedra tosca, faziam caramanchéis extravagantes, imaginavam complicações de matos e plantas coisas brancas e delirantes, de

(continuação)

um mau gosto que irritava.

As inscrições exuberavam; longas, cheias de nomes, sobrenomes e datas, não nos traziam à lembrança nem um nome ilustre sequer; em vão procurei ler nelas celebridades, notabilidades mortas; não as encontrei.

E de tal modo a nossa sociedade nos marca um tão profundo ponto, que até ali, naquele campo de mortos, mudo laboratório de decomposição, tive uma imagem dela, feita inconscientemente de um propósito, firmemente desenhada por aquele acesso de túmulos pobres e ricos, grotescos e nobres, de mármore e pedra, cobrindo vulgaridades iguais umas às outras por força estranha às suas vontades, a lutar...

Fomos indo. A carreta, empunhada pelas mãos profissionais dos empregados, ia dobrando as alamedas, tomando ruas, até que chegou à boca do soturno buraco, por onde se via fugir, para sempre do nosso olhar, a humildade e a tristeza do contínuo da Secretaria dos Cultos.

(continuação)

Antes que lá chegássemos, porém, detive-me um pouco num túmulo de límpidos mármore, ajitados em capela gótica, com anjos e cruzeiros que a rematavam pretensiosamente. Nos cantos da lápide, vasos com flores de biscuit e, debaixo de um vidro, à nívea altura da base da capelinha, em meio corpo, o retrato da morta que o túmulo engolira.

Como se estivesse na Rua do Ouvidor, não pude sustentar um pensamento mau e quase exclamei:

— Bela mulher!

Estive a ver a fotografia e logo em seguida me veio à mente que aqueles olhos, que aquela boca provocadora de beijos, que aqueles seios tímidos, tentadores de longos contatos carniais estariam àquela hora reduzidos a uma pasta fedorenta, debaixo de uma porção de terra embebida de gordura.

Que resultados tiveram a sua beleza na terra?
Que coisas eternas criaram os homens que ela

(continuação)

inspirou? Nada, ou talvez outros homens, para morrer e sofrer. Não passou disso, tudo mais se perdeu; tudo mais não teve existência, nem mesmo para ela e para os seus amados; foi breve, instantâneo, e fugaz.

Abalei-me! Eu que dizia a todo o mundo que amava a vida, eu que afirmava a minha admiração pelas coisas da sociedade eu, meditar como um cientista profeta hebraico! Era estranho!

Remanescente de noções que se me infiltraram e cuja entrada em mim mesmo eu não percebera! Quem pode fugir a elas? Continuando a andar, adivinhei as mãos da mulher, diáfanas e de dedos longos; compus o seu busto ereto e cheio, a cintura, os quadris, o pescoço, esguio e modelado, as espáduas brancas, o rosto sereno e iluminado por um par de olhos indefinidos de tristeza e desejos... Já não era mais o retrato da mulher do túmulo; era de uma viva, que me falava. Com que surpresa, verifiquei isso. Pois eu, eu que vivia desde os dezesseis anos,

(continuação)

Leitura para todos

despreocupadamente, passando pelos olhos, na Rua do Ouvidor, todos os figurinos dos jornais de modas, eu me impressionar por aquela menina do cemitério! Era curioso. E, por mais que procurasse explicar, não pude.

O perigo das profecias

Quando se divulgou pela cidade a notícia de que Alexandre da Gama assassinara a mulher com sete punhaladas, ninguém atinou com o motivo daquele crime. Sabia-se, apenas, que os dois haviam passado a tarde fora de casa, e que, na volta, se haviam empenhado numa discussão, que terminou naquela desgraça.

Um repórter conseguiu, porém, descobrir tudo.

Supersticiosos os dois, tinham o Alexandre e a esposa convencido a procurar uma cartomante, para sondarem o poço misterioso do seu destino.

— Toma: leva dez mil réis para a consulta - dissera o Alexandre.

E metendo, por seu turno, dez mil réis no bolso do colete, ganhara a rua, combinando um encontro às seis em ponto, em frente à casa da bruxa.

(continuação)

À hora aprazada encontraram-se.

– Que te disse ela? Indagou o rapaz, ansioso.

– Boas coisas - informou a Rosita.

– Disse-te que ias ter filhos?

– Disse.

– Quantos? - Três.

– Como? - Três - confirmou a rapariga.

O Alexandre ficou vermelho.

– E como é rugiu - que ela me disse que eu só teria um?

Horas depois, dava-se o crime.

O papagaio traído

O maior desejo do Anselmo Pimenta era possuir um papagaio. Toda vez que partia um amigo para o norte, a sua encomenda era certa: – Manda de lá um papagaio; ouviste? Eu pago as despesas!

E nunca ninguém lho havia mandado. Um dia, porém, lá ia o Pimenta pela rua Sete de Setembro, quando viu, em uma casa de aves, uma gaiola com dois "louros" que eram uma beleza, como figura e como colorido: um maior, todo verde e amarelo, com encontros vermelhos nas asas, e outro menor, mais leve, demonstrando no porte e nas penas a modéstia e a fragilidade do sexo.

– Quer vender um desses papagaios? – indagou, entrando, do dono da casa.

– Não, senhor; isto é um casal: um macho e uma fêmea. O macho é aquele maior, mais vistoso, mais bonito. Mas não são para vender, não. Agora, se o senhor quiser, eu lhe vendo aí uns ovos; dentro de quinze dias estão tirados.

(continuação)

Leitura para todos

Anselmo Pimenta comprou quatro ovos, a dois mil réis cada um. Em casa, pôs debaixo de uma galinha que chocava, e, doze dias depois, ficou escandalizado, ao ver sair dos quatro ovos um pinto e três pombos. Pondo o chapéu na cabeça ganhou a rua. Na casa de aves perguntou pelo papagaio.

– Está ali, – disseram-lhe, indicando-lhe a gaiola, com o casal de "louros". Anselmo aproximou-se, procurando, com os olhos, a ave maior.

– Papagaio, – disse, em tom quase confidencial, – eu preciso falar com você. Quem avisa amigo é...

E arregalando a pálpebra esquerda com o dedo, indicando a ave fêmea:

– Abra o olho com ela, hein?!...

LENDA DO GUARANÁ

O guaraná é um fruto da Amazônia usado para fazer uma soda ou refrigerante de sabor doce e agradável. É uma bebida bastante popular na Amazônia. A origem desse fruto é explicada pela seguinte lenda:

um casal de índios pertencente à tribo Maués vivia por muitos anos sem ter filhos e desejava muito ter pelo menos uma criança. Um dia, eles pediram a Tupã uma criança para completar sua felicidade. Tupã, o rei dos deuses, sabendo que o casal era cheio de bondade, lhes atendeu o desejo trazendo a eles um lindo menino.

O tempo passou rapidamente e o menino cresceu bonito, generoso e bom. No entanto, Jurupari, o deus da escuridão, sentia uma extrema inveja do menino, da paz e da felicidade que ele transmitia, e decidiu então ceifar aquela vida em flor.

Um dia o menino foi coletar frutos na floresta e Jurupari se aproveitou da ocasião para lançar sua vingança. Ele se transformou em uma

(continuação)

Leitura
para
todos

serpente venenosa e mordeu o menino, matando-o instantaneamente.

A triste notícia espalhou-se rapidamente. Nesse momento, trovões ecoaram na floresta e fortes relâmpagos caíram pela aldeia. A mãe, que chorava em desespero, entendeu que os trovões eram uma mensagem de Tupã, dizendo que ela deveria plantar os olhos da criança e que deles uma nova planta cresceria dando saborosos frutos.

Os índios obedeceram ao pedido da mãe e plantaram os olhos do menino. Nesse lugar, cresceu o guaraná, cujas sementes são negras e têm um arilo em seu redor, imitando os olhos humanos.

O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura
O louco da loucura mais suprema,
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco,

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Autor: Augusto dos Anjos

Leitura
para
todos

O lamento das coisas

Triste, a escutar, pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe
oriundos
O choro da Energia abandonada!

E a dor da Força desaproveitada
– O cantochão dos dínamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que se não realiza.
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo!

UFMG - Faculdade de Letras
BIBLIOTECA

Autor: Alphonsus de Guimaraens

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Suíte bar

Tudo depunha contra minha permanência naquele bar. A música, a cerveja, as pessoas. Já era tarde demais, eu estava nas últimas. Quase dormindo, pedi mais uma. Desceu em zigue-zague, queimando dentro. Aquela realmente não era minha noite. A carne cozida tinha muita gordura; aliás, as almôndegas boiavam numa estranha gelatina alaranjada. Eu estava perto do fogareiro, de onde saía uma fumaça horrível, fedorenta. E perto do desespero. Dulindo e Teodolito no balcão miravam seus respectivos copos, as costas curvas, cansados. Não diziam nada, apenas se deixavam ali como continuações de seus banquinhos. Tomazinho babava para uma velha TV sobre a geladeira idem. Aquela noite ia longe...

“Energia, bicho, energia pura” foi o que Pata gritou do outro lado da rua. Olhei meio de banda, o doidão dançava. Tinha um pacote de vinís na mão e pulava do passeio pra rua e de volta pro passeio. Acompanhei aquilo por uns dois minutos, cansei e voltei meus olhos pro

X

(continuação)

Leitura
para
todos

interior do bar, que já abrigava mais três garotos. Sentaram no salão e pediram guaraná e pinga. Em meia hora eles já tinham mandado também quatro cervejas. Bons aqueles caras. Um deles gritou qualquer coisa sobre a música. A mulher de Tomazinho ligou o rádio. Aí Dulindo levantou-se e desligou o som. Cada um, do seu canto, acompanhou a cena: o menino veio xingando “filhodaputa” e antes de eu conseguir me levantar, partiram pra porrada. Tranquilo, Tomás contornou a situação pondo os dois pra fora. “Se há proprietário que tem meu respeito é o de bar”, panfletei pra ninguém. Afinal, quem se preocupa tanto em deixar tanta bebida sempre tão perto de mim?

Quando um carro de polícia estacionou, eu não tive mais dúvida: a noite estava definitivamente perdida. Mas não foi tão ruim, eles comeram ovos cozidos e tomaram refrigerantes. Simpáticos aqueles rapazes, apesar das mortes penduradas na cintura.

Agora o bar se movimentava um pouco. Pelos gritos percebia-se que rolava um truço no salão.

(continuação)

E eu continuava cultivando uma mulher no meu espírito quando notei que um dos três garotos me olhava esquisito. “Meu Deus, uma cantada às duas da madrugada”, eu pensei, era só o que me faltava. Ele olhava, olhava... olhos empapuçados, cabelos na testa... E se levantou. E caminhou em minha direção. E tirou o cigarro da minha boca. E jogou o meu cigarro na rua! E eu lhe dei um chute no saco. Ele voltou pra sua turma, gemendo. Ninguém fez nada. O pessoal entende quando tô triste.

DOAÇÃO

De: Sistema Esolite
Tela Textu / FALK
Em: 13 106 12008
RS: 1,00



A tela
e o texto

1,99